



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# NEM MENTIREI NEM DENUNCIAREI

Por LEONOR DE CAMPOS

**A** campainha do liceu retiniu, a dar o sinal de terminar essa aula. O professor levantou-se. E, preocupado com qualquer facto da sua vida, saiu rapidamente, sem esperar que os alunos o fizessem primeiro.

E esqueceu sobre a mēsa a cadernēta das notas.

Cinco, seis rapazes, dos mais atrevidos, correram á mēsa do professor. Um deles abriu a cadernēta. Esquadrinhou-a com ansiedade.

— «O kay!... — exclamou ēle —. Cā estou eu, mais as minhas notas... Hein? Que tal? Isto vai bonito!... Dois seis e um oito!... Com estas notas heide ir longe!... Mas espera que eu te ensino!... »

E, sem atender os pedidos dos colegas, que queriam ver tambēm as suas notas, o rapaz, num repente de mau gênio,

tirou do bōlso a sua caneta de tinta permanente e riscou, riscou, sujou, tornou tudo aquilo ilegivel... »

Só caiu em si ao ver as caras espantadas dos outros, que, aterrados, nem falar podiam. Até que um deles, o João Gonçalo, pôde exclaimar:

— «O' Manuel!... O que fizeste?!... Agora estás perdido!... »

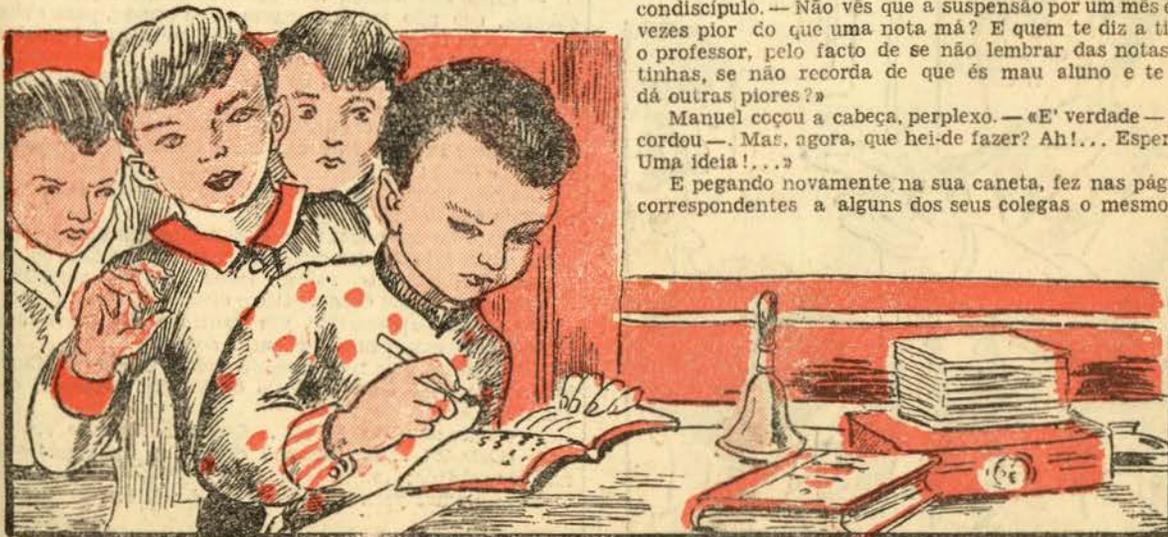
Manuel, já arrependido, não queria mostrá-lo. E, farrão, respondeu:

— «Qual perdido, nem meio perdido!... Tu julgas que eu tenho mēdo do papão? Que me podem fazer, hein? Dize lá!... Mandarem-me embora, descansar um mês em casa? Bem bom castigo!... E' melhor do que ter esta média!... Porque o professor, agora, já não se lembra das notas que me deu!... Já vês que o mal não foi tão grande como julgaste!... »

— «Tu estás doido? — interrogou, do lado, um outro condiscípulo. — Não vês que a suspensão por um mês é mil vezes pior do que uma nota má? E quem te diz a ti que o professor, pelo facto de se não lembrar das notas que tinhas, se não recorda de que és mau aluno e te não dá outras piores? »

Manuel coçou a cabeça, perplexo. — «E' verdade — concordou —. Mas, agora, que hei-de fazer? Ah!... Esperem! Uma ideia!... »

E pegando novamente na sua caneta, fez nas páginas correspondentes a alguns dos seus colegas o mesmo que



fizera na sua: Encheu-as de riscos, de traços, de borões.

Os outros ainda tentaram tirar-lhe a caderneta. Mas o Manuel, num desespero, só deu por finda a sua tarefa quando um dos colegas, que estava à porta da aula, bradou:

— «O contínuo!... Ai vem o contínuo!...»

Manuel atirou a caderneta ao chão e precipitou-se com os outros para a saída.

O contínuo foi à mesa dos professores. E, não vendo o que procurava, interrogou os rapazes que ainda se conservavam na sala:

— «Os senhores viram a caderneta do senhor doutor Ferreira? — Ah!... Está aqui, no chão!... Bem!... Façam favor de sair que eu quero fechar a porta...»

Aquele dia acabou, sem mais incidentes. Terminadas todas as aulas, cada qual voltou para casa, a preparar as suas lições. No dia seguinte, a primeira hora de lição era a do doutor Ferreira. Os rapazes esperavam-no, como de costume, à porta da aula. E quando ele chegou, mais pálido que os outros dias, o olhar duro por detrás dos óculos, vincos fundos nas faces, todos estremeceram. O coração de Manuel saltava, como bola de *foot-ball* em pleno campo.

— «Bom dia!...» — disse o professor — «Bom dia, senhor doutor.» — responderam os rapazes com voz pouco segura.

Entraram e instalaram-se nos seus lugares respectivos. O professor entrou depois deles. Mas não se sentou. Esperou de pé que todos os ruídos cessassem. E então falou, pausada e severamente:

— «Qual dos senhores se entretive, ontem, a riscar a minha caderneta?»

Ninguém respondeu. O professor tornou:

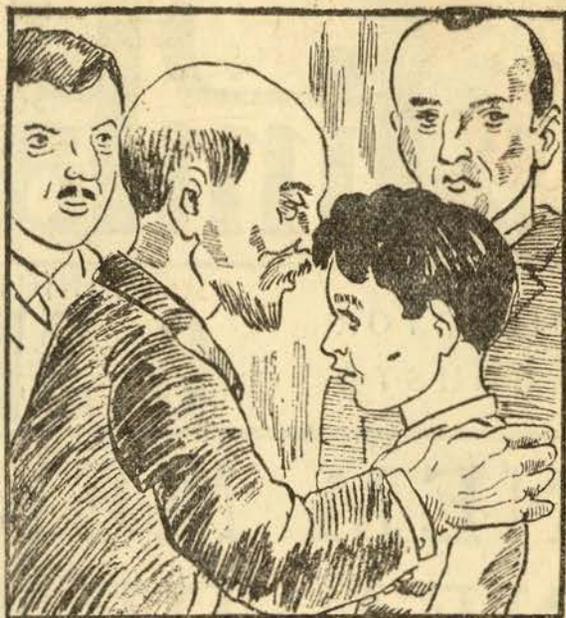
— «Vá!... O aluno que teve o atrevimento de fazer isto, seja corajoso até ao fim!... Nada de cobardias!... Acuse-se para que eu não tenha que castigar toda a classe...»

Nenhum dos rapazes abriu a boca. Só o coração do Manuel continuava a saltar, a saltar...

— «Já vejo que o valente que riscou a caderneta é, além do mais, um péssimo colega... Deixa castigar os outros, inocentes... Mas, antes de o fazer, quero de novo experimentá-lo. Vou interrogá-los a todos, cada um por sua vez. E' possível que o autor desta brincadeira, embora cobarde e mau colega, não seja mentiroso...»

E começou o seu interrogatório, por ordem numérica:

— «Número 1. Foi o senhor?»



O rapazinho levantou-se.

— «Não, senhor doutor!...»

— «Mas viu quem foi?»

— «Não. Não vi!...»

— «Pode sentar-se... Número 2!... Foi o senhor?»

— «Não, senhor doutor...»

— «Viu quem foi?»

— «Não vi!...»

E o interrogatório continuou, sempre igual nas perguntas e nas respostas.

Até que o professor chamou:

— «Número 30!...»

Levantou-se o João Gonçalves.

— «Foi o senhor?»

— «Não. Não fui eu...»

— «Mas viu quem foi?»

— «Vi, sim, senhor doutor...»

Um sussuro de vozes reprovativas, obrigou o professor a um *schiu* enérgico.

— «Então, se viu — disse o doutor Ferreira — diga o nome do engraçado...»

— «Peço desculpa a V. Ex.<sup>a</sup>, mas não digo. Não acuso colegas...»

O professor tornou, irritado:

— «Mas esse colega não merece considerações. E' um cobarde, que não tem a coragem de se acusar, para evitar o castigo de toda a classe. E o senhor mesmo será também castigado, se o não denunciar...»

Mas o João Gonçalves, de cabeça erguida, não se deixou intimidar:

— «Embora seja castigado, nada direi...»

O doutor Ferreira ia continuar a discussão. Mas reconsiderou e disse:

— «Está bem... Logo falaremos... Podem sair. Hoje não lhes dou lição...»

Os rapazes levantaram-se e, de orelha murcha, a cochichar, numa atitude bem diferente da dos outros dias, quando tinham um feriadito, saíram todos para os corredores.

O professor saiu depois deles e dirigiu-se logo á reitoria. Pouco tempo decorrido, um contínuo convidava João Gonçalves a acompanhá-lo até junto do reitor.

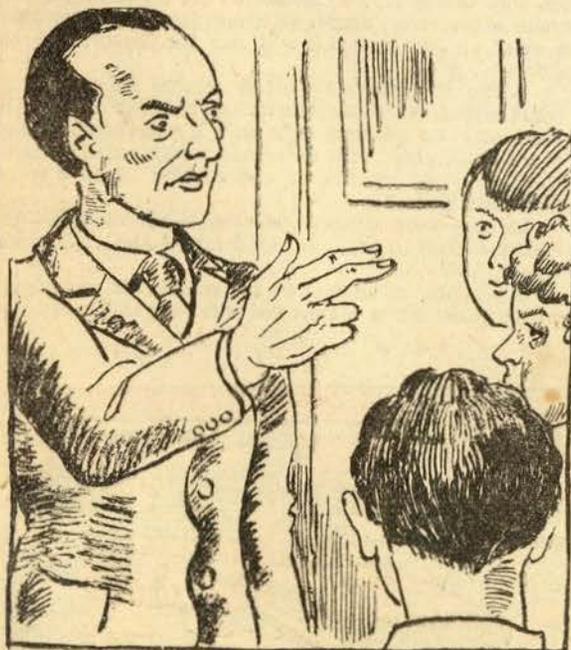
Os condiscípulos rodearam-no. Nesse momento Manuel inclinou-se para João Gonçalves e disse-lhe baixinho, com voz trémula:

— «Podes dizer que fui eu... Senão castigam-te...»

— «Cala-te!... exclamou o rapazinho indignado — Eu não sou cobarde...»

E, sem olhar para trás, dirigiu-se à reitoria.

(Continua na página 7)



# A nascente ambiciosa

ADAPTAÇÃO DO FRANCÊS — POR MILAU

**P**ERTO dum lago  
ia um fio de água  
rumorejante.  
Com que carinho,  
num doce afago,  
corria o fio  
de água constante!

Alegremente,  
ia a dizer:  
— «Mas que alegria!  
Quem, como eu,  
sente o prazer  
de cantar sempre  
durante o dia?  
E, pouco a pouco,  
vou engrossando.»

Assim, o fio  
de água corrente,



alegremente  
se está julgando  
um grande rio.

Sempre sonhando,  
todo contente,  
lá foi andando,  
indo cair  
— êsse imprudente —  
dentro do lago  
que o foi papando...

Nunca, meninos  
como a nascente  
deveis pensar.  
Pois a ambição  
faz mal à gente:  
Breve veremos  
virem por terra  
os castelinhos  
feitos no ar!..

■ ■ F I M ■ ■

# CALINADAS

Por MANUEL FERREIRA

**Q**UANDO era pequeno, Calino  
dizia, muitas vezes, que  
gostaria de ser rapariga.  
Preguntaram-lhe qual a  
razão. Calino respondeu:  
— «Como as raparigas  
usam o cabelo sôbre as ore-  
lhas, escusava de as lavar todos os dias.»

O nosso herói entra numa leitaria e  
e pergunta:  
— «Tem gêlo?»



— «Tenho.»  
— «E está fresco?»

Outra vez, Calino perguntou ao  
irmão.

— «Olha lá, resolve êste problema:  
um caixote com um metro de compr-  
imento, meio metro de largo e outro  
meio metro de alto, *completamente*  
*cheio* de feijão, quantos litros pode  
levar?»

— «Não sei.» — respondeu o irmão.  
— «Não pode levar nenhum litro.  
Pois eu não te disse que o caixote  
estava *completamente cheio*?»

Um desastre qualquer fez com que o  
pianista Magalhães perdesse ambos os  
braços. Vão dar a notícia a Calino e  
êste respondeu:

— «Foi uma grande desgraça; mas  
podia ter sido pior!...»  
— «Pior, como?»  
— «Se em vez de ter perdido os bra-  
ços ficasse sem as mãos.»

Calino fez-se homem. Arranjou uma  
mercearia.  
Perguntou, nessa tarde, ao marçano:

— «Que te disse o senhor Moraes,  
quando lhe mostraste a conta?»  
— «Disse-me que se eu voltasse lá,  
outra vez, dava-me pancada!»  
— «Pois então... (disse Calino). Volta  
já lá, para êle ver que eu não tenho  
medo.»

O nosso homem encontrou um sujeito  
amigo. Perguntou-lhe:

(Continúa na página 7)



# BILHETES DE VISITA

Por LAURA CHAVES

**R**ei Leão, naquele dia,  
com uns modos rabugentos,  
declarou que não saía  
dos seus régios aposentos.

Queria repouso, agora,  
farto de tanta etiqueta,  
de falar, a tôda a hora,  
a todo o bicho careta.

«Avisem a minha grei»  
— roncou êle, nada manso —  
um leão, lá por ser rei,  
também precisa descanso.

Mas, nisto, chega um ouriço,  
que em zumbáias cumprimenta,  
e, em salva de oiro macisso,  
um bilhete lhe apresenta.

Rei Leão, em berraria,  
leu, carregando o semblante,  
o que o bilhete dizia,  
o nome da visitante:

Imperatriz e rainha,  
senhora da terra imensa,  
reinando em tôda a cozinha,  
reinando em tôda a despensa.

Dona daquem, dalém mar,  
imperatriz do celeiro,  
rainha de todo o lar,  
senhora do mundo inteiro.

Rei Leão ficou pasmado  
ante tanta gerarquia...  
Nunca fora visitado  
por ninguém de tal valia!



Vai, então, paramentou-se,  
como nunca até ali,  
barbeou-se, perfumou-se,  
todo enfrascado em Naly.



O barbeiro, num tropel,  
veio quando el-rei chamou  
e em ondulação Marcel  
a real juba frisou.

E logo foi o diabo,  
tudo andava num virote,

té na pontinha do rabo  
mandou pôr um papelote!

E, depois dêste preparo,  
de cetro e manto vestido,  
e com aparato raro,  
té ali desconhecido,

Rei Leão foi para o trono,  
mandou abrir os portais,  
tendo aos pés, por bôbo, um mono,  
Tigres, hienas, chacais,

a guarda de honra formavam,  
todos em grande parada,  
que a visitante aguardavam,  
em recepção desusada.

Quando a Arara anunciou  
essa rainha tão fina,  
tôda a bicharada olhou  
e o que é que viu? *Patavina!*

Depois o Rei perguntou:  
— mas onde pára essa amiga?  
Só quando melhor olhou  
é que viu uma formiga

que, em passadas miudinhas,  
muito apagada, serena,  
respondeu, dando às marrinhas,  
sem perceber bem a cêna,

— Meu Senhor, nunca pensei,  
disse ela, cheia de espanto,  
que por minha causa o rei  
se incomodasse assim tanto! —

Tenham sempre no pensar  
esta história aqui descrita,  
ninguém se deve fiar  
em bilhetes de visita.



# As lágrimas duma mãe

Por FRANCISCA do CARMO COSTA

**L**UIZINHO, a pesar-de ser inteligente e muito meigo, tinha um grande defeito: — era desobediente à sua mamã.

Com muita preguiça, pegava nos livros para estudar e, antes de o fazer, abria a boca pelo pelo menos três vezes, esfregava os olhos e fazia apouquentar a mãe.

Um dia, depois de sair do colégio, foi a casa da avôzinha, que era muito sua amiga, e pediu-lhe, beijando-a muito, que lhe contasse uma história.

A avôzinha, que sabia muito bem o defeito do seu querido neto, de muito boa vontade satisfez-lhe o desejo e principiou:

Havia, em certa aldeia, uma pobre mulher, por todos muito estimada devido à sua grande humildade, dedicação e alegria.

Trabalhando e cantando, vivia de fazer recados. A tôda a gente prestava serviços e, por um singular desígnio da Providência, os seus serviços consistiam em ir buscar o pão ao forno, levá-lo a todas as casas e procurar, nas margens da ribeira, as mais lindas flores com que se embelezavam muitos lares.

Davam-lhe em troca dinheiro, lenha, farinha, azeite e, lá por vezes, alguma roupinha com que ela vivia mais o seu muito querido filho, que também se chamava Luiz. Só a mãe sabia que êle era muito desobediente.

A alegria e a boa presença desta mulher, não deixavam transparecer a profunda tristeza causada pela desobediência do filho.

Uma vez, ela disse-lhe:

— Fica aqui a estudar as tuas lições enquanto eu vou vêr o forno. Toma cuidado com as flores. Não deixes os animais virem estragá-las.

O pequeno ficou muito quietinho com a cabeça sobre os livros.

Logo que a mãe saiu, levantou a cabeça, pôs-se a cantar, e a assobiar para chamar um outro rapaz muito mau: não fez caso do pedido da mãe e safaram-se para a rua.

Como a porta ficasse aberta, vieram as galinhas, os pombos e até um cordeirinho e roeram as flores.

(Continua  
na página 8)



## “ O A R D I N A ”

**C**AI a chuva, lentamente,  
sobre as pedras da calçada...  
Todo o arvoredado plangente  
perdeu, há muito, a ramada...

Poças de água, muito fria!  
Longos murmúrios do vento!...  
Tristeza de noite e dia...  
Não pára a chuva um momento...

Pela rua, apregoando,  
segue um petiz, um ardina,  
de rosto alegre gritando,  
na sua voz cristalina:

— «Século! Olha o Século!...» Nem sente  
o frio que há na calçada!...  
Leva o coração contente,  
não precisa de mais nada!

Palmilha de noite e dia...  
Deixá-lo! E' vê-lo sorrir...  
Se o peito sente alegria,  
que importa a chuva a cair?

Que importa a lama no chão?  
Que importa o frio, a geada?  
Leva o Sol no coração,  
não precisa de mais nada...

Riquezas? Sorrisos falsos?  
Para quê, se êste petiz,  
com seus pezinhos descalços,  
é simplesmente feliz?

A ventura que êle sente  
é mais clara que a alvorada...  
Leva o coração contente,  
não precisa de mais nada...

# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA MESTRA

O mafarrico do «Farrusco» é levado da breca! Não há tropelias que não invente, fazendo andar os seus donos numa verdadeira roda viva!

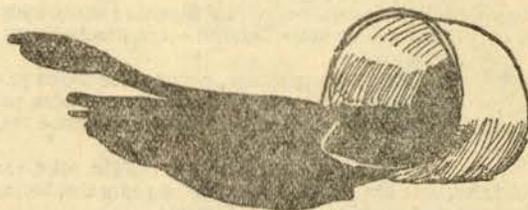
O que lhe vale é ser tão engraçado, senão quantas tarefas já teria levado!

E' atrevidíssimo.



Desafia todos os cães que por ele passam e parece querer atrair-se às pessoas, constituindo, assim, o terrôr de quem bate à porta de casa! E não contente com estas façanhas, ainda prega as suas partidas muito bem pregadas!

Há dias, por exemplo, e quanto tempo teria ele esperado



este momento, aproveitando a distração do pintor que andava nas obras do prédio, deu um pulo para a lata de tinta na mira de roubar o pincel, entornou a dita lata e deitou a fugir com o pincel na boca!

E que grande risota foi para o pintor agarrá-lo!

Mas, desta vez, a sua dona, que é muito sua amiga e lhe acha muita graça, zangou-se com ele a valer e, de castigo, prendeu-o.

O mafarrico do Farrusco não passeou nessa tarde e bem compreendeu ele o castigo, pois, á tarde, quando a dona voltou e foi ver se ele estava com juízo, deparou-o com o seu ar de culpado e um olhar muito meigo, a lamber-lhe as mãos, como que a pedir-lhe perdão!

E que, no fundo, o Farrusco é uma excelente criatura!

Ai o têm vocês a fazer a partida e, como todos lhe não-de achar muita graça, espero que todas guardem o seu retrato num lindo bordado.

Muitas saudades para as abelhinhas da grande amiguinha

ABELHA MESTRA

## DEUS AJUDA os POBREZINHOS

Por MANUEL BRANCO

Um rapaz, sem pai nem mãe, que pelas portas pedia, quis para a escola ir também para ser «Alguém» um dia,

Por ser muito inteligente e até mesmo educadinho, agradava a toda a gente a-pesar-de pobrezinho.

Como era respeitador e as lições sempre sabia, afirmava o professor que outro melhor não havia.

Os outros, enraivecidos por aquele os suplantar,



estudavam convencidos que à frente lhe iam passar.

Mas como o não conseguiram por mais que algum estudasse, por fim eles lhe pediram que a todos os ensinasse.

E aqui têm, rapazinhos, um dos exemplos frisantes, provando que os pobresinhos podem ser bons estudantes.

Tenham sempre condolência para com todos os pobres, pois é só a inteligência que torna as pessoas nobres.

■ F I L M ■

## REFERENCIA AUXILIAR

Num monte dos formosos arrabaldes duma cidade minhota, encontra-se este magestoso santuário.

Em 1494 foi quando se construiu a primeira ermida, dedicada à Santa Cruz, por iniciativa do arcebispo D. Jorge da Costa. Foi reedificada e ampliada em 1522, pelo deão da Sé, D. João da Guarda, mandando colocar a lápide que se encontra na escadaria do monte. Este chamou-se Monte Espinho, depois Santa Cruz e, mais tarde, ficou sendo conhecido pelo nome que hoje tem.

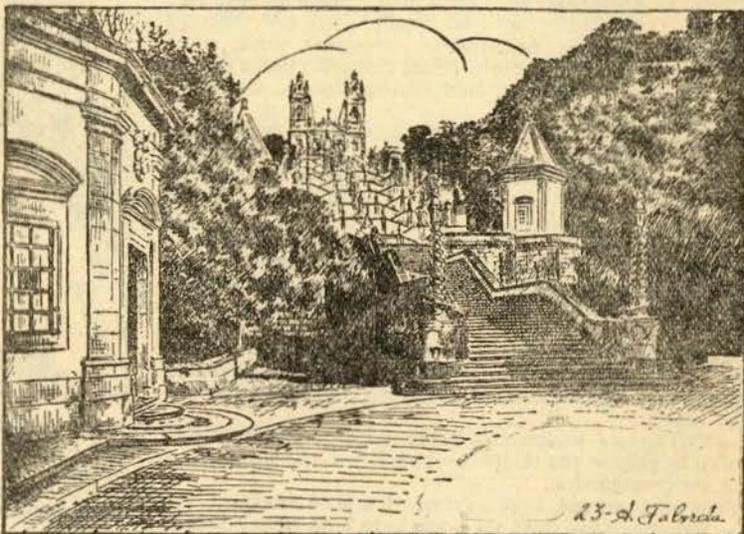
D. Gaspar de Bragança, filho legítimo de D. João V, teve grande predileção por esta ermida, alcançando por ela muitas graças do Papa. Foi quem iniciou o templo actual, em 1 de Junho de 1781, data em que foi lançada a primeira pedra, ficando concluído em 20 de Outubro de 1811.

Em 20 de Março de 1809 os franceses de Soult destruíram muitas obras do santuário. O seu elevador foi o primeiro que houve no Península.

### Atenção

Na advertência publicada no número passado, saiu por lapso, alterado o sentido na parte que elucida os concorrentes sobre a publicação da fotografia dos premiados. Assim, deve ler-se:

Há a notar que a todos os premiados assiste o direito da publicação da fotografia, mas não na Galeria áqueles que



não forem contemplados pelo valor artístico da caderneta mas somente pelo sorteio.

Queremos dizer, com isto, que a Gale-

ria é destinada só aos signatários de cadernetas artísticas classificadas. As fotografias daqueles atingidos só por sortício serão publicadas á parte.

## CALINADAS

(Continuação da página 3)

— O senhor é do Porto?  
— Não. — respondeu o outro.  
— Então, nós somos patricios...  
— Porquê?  
— Porque — respondeu Calino — eu também não sou do Porto.

Calino foi ao Registo Civil registar um filho.

O official perguntou ao nosso homem :

— «É do sexo masculino ou feminino?»

— «Qual Marcolino nem Firmino! Há de ser Sebastião que é o nome do avô...»

\* \* \*

A primeira vez que veio a Lisboa meteu-se no Lumiar no «eléctrico» para o Rossio. Deu um passeio e tomou, no Rossio, outro carro para o Lumiar.

— «Para onde vai?» — perguntou o condutor.

— «Agora não vou para parte nenhuma.»

— «Então, para que entrou no carro?»

— «Essa é boa! (respondeu Calino) — Para voltar para casa!...»

\* \* \*

Uma noite, Calino foi bater à porta da vizinha do lado.

— «Pode emprestar-me azeite e a frigideira?»

— «Agora não pode ser. Estou a fritar peixe.» — respondeu a vizinha.

— «Então empreste-me um bocadinho de peixe.»

## NEM MENTIREI NEM DENUNCIAREI

(Continuação da página 2)

Tôda aquela rapaziada, a arder de curiosidade, seguiu com êle. E alguns, mais ousados, entraram com João Gonçalves no gabinete.

Aqui o ambiente era austero, frio, arripiante.

Por detrás da sua secretária, erguia-se, de sobrececho carregado, a figura majestosa do senhor reitor. A seu lado e espalhados pela sala, alguns professores aguardavam, também, com interesse o desfecho do caso.

— «João Gonçalves, aproxime-se!» — ordenou o reitor, severamente.

O rapazinho avançou e com êle todos os colegas. E o reitor continuou:

— «Se o senhor disser a verdade, não será castigado... Perdoar-lhe-ei com a condição de não voltar a repetir esta façanha. Vamos: confesse: Foi você o autor da brincadeira?»

João Gonçalves sentiu-se cõrar até à raiz dos cabelos. E, num grito de revolta, bradou:

— «Não, senhor reitor... Não fui eu... Se fôsse eu, teria a coragem de me acusar... Não!... Eu não fui!...»

— «Mas sabe quem foi?»

— «Sei, porque vi... Mas, como já afirmel ao senhor doutor Ferreira, não direi quem foi...»

— «Muito bem» — respondeu o reitor, com voz fria, pausada. E começou a falar com os professores, que estavam a seu lado, em voz tão baixa que nenhum dos rapazes conseguiu ouvir palavra.

Foi, então, que um dêles, em surdina, murmurou ao ouvido de João Gonçalves:

— «Valia mais que tivesses feito como a gente... Dizia que não sabias e estava tudo acabado...»

Saltaram lágrimas de raiva dos olhos de João Gonçalves. E muito nervoso, sem poder conter-se por mais tempo, exclamou em voz alta e vibrante:

— «Não... Eu nunca menti na minha vida!... Só os escravos e os medrosos mentem... Eu não sou medroso

# As lágrimas dum a mãe

(Continuado da página 5)

Quando a mãe voltou e viu o chão todo cheio de pétalas e de folhas roídas, foi, muito depressa, escondê-las, voltou à ribeira, colheu novas flores e foi pô-las no mesmo lugar.

O filho, ao entrar em casa, não deu pela troca. Somente as florinhas ficaram sabendo que aquela pobre mulher tinha chorado.

Cênas, como esta, repetiam-se amudadas vezes, mas ninguém na aldeia sabia dos grandes desgostos desta pobre mãe. Ela encobria-os com muitas canseiras e um bom sorriso.

Um dia, em que se encaminhava para a ribeira na costumada tarefa de colher flores, não vendo ninguém a quem mostrar o seu grande desgosto, deixou que as suas lágrimas corressem livremente, desafogando o seu coração triste-cido.

Andando, andando por muito tempo, ora com a cabeça inclinada para o chão, ora com o rosto tapado com a ponta do avental para enxugar os seus olhos chorosos, nem sequer reparava no caminho e quasi se tinha esquecido das suas flores.

Quando se lembrou delas e se dispunha a começar a sua colheita, viu aparecer, de entre umas moitas de alecrim, uma linda criança como nunca supusera pudesse existir cá neste mundo.

— Meu Deus — exclamou a pobre mulher — livrai-me da tristeza de pensar que também esta criança tão bonita pudesse ser desobediente!

Sem saber porquê, sentiu grande desejo de a beijar.

— Meu menino — disse ela — que vens aqui fazer? Estarás perdido?

— Perdido tem andado o teu filho — respondeu a criança.

A pobre mãe, maravilhada e ao mesmo tempo entristecida ao ver que o seu grande segredo fóra descoberto, tapou os olhos com as mãos e começou a chorar.



— Não entristeças — disse a criança. Destapa os olhos. Tenho aqui uma coisa que te vai dar uma grande alegria.

Quando ela destapou os olhos, viu que a criança lhe mostrava pétalas e folhas roídas.

— Onde foste buscar e para que me mostras essas flores destruídas?

— Porque elas têm o valor dum grande tesouro. Elas recolheram o que há de melhor neste mundo: — as lágrimas dum a mãe.

A pobre mulher, comovida e maravilhada, voltou a chorar.

A criança, estendendo as mãos onde tinha as pétalas, recolheu aquelas lágrimas.

— Para que queres o meu menino as minhas lágrimas?

— Com elas alcançarei que o teu filho te não desobedeça. Nunca desespere. As lágrimas das mãis pelos filhos, nunca se perdem.

A pobre mulher limpou os olhos ao avental e, quando ia a perguntar quem era e donde viera aquele menino, a criança tinha desaparecido.

No outro dia, a mãe pediu ao filho que tomasse conta das flores e foi buscar o pão ao forno.

Quando voltou ficou muito contente porque o filho cumprira o que ela lhe dissera.

Veio a saber que a linda criança, que encontrara junto da ribeira, na sua ausência, lhe entrara em casa, fóra brincar com o filho e lhe mostrara umas continhas tão bonitas que o filho, encantado, não fizera caso do menino mau que da rua sempre o desafiava a desobedecer a sua mãe.

E, desde então, nunca mais o filho lhe desobedeceu.

— E as continhas — concluiu a avózinha — eram as lágrimas, que se não tinham perdido, daquela boa mãe.

Luizinho, ainda mais impressionado, lembrando-se da sua desobediência, despediu-se da avó, dizendo:

— Vou-me embora. Tenho muito medo que a minha mamãzinha também chore por minha causa.



nem escravo. Vi... disse que vi... Mas também não há nada nem ninguém neste mundo, capaz de me obrigar a denunciar um colega!...»

Todos os professores e o próprio reitor o olhavam com admiração.

E então assistiu-se a um espectáculo inédito no liceu: O reitor avançou para João Gonçalo, abraçou-o comovidamente e disse-lhe:

— «Tem razão... É assim mesmo!... Orgulho-me de ter no meu liceu um aluno com um caracter como o seu!... Pode sair!... E diga ao seu colega, ao autor daquela estú-

pida brincadeira, que em atenção a si está perdoado!... E que aprenda consigo a ser um homem verdadeiro, corajoso e leal!...»

A saída do gabinete do reitor, João Gonçalo foi recebido com entusiastica salva de palmas. Arrebatado por dezenas de mãos amigas, foi aos ombros dos colegas que retomou o caminho da sua aula...